

# **O FIO DA MEADA**

**MANUEL MACHADO DA COSTA**

## **FICHA TÉCNICA**

**EDIÇÃO:** Manuel Machado da Costa

**TÍTULO:** O Fio da Meada

**AUTOR:** Manuel Machado da Costa

**NA CAPA:** Fenda de Tundavala – Angola

**CAPA / REVISÃO / PAGINAÇÃO:** Paulo Resende

**1.ª EDIÇÃO**

**LISBOA, 2010**

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Publidisa

**ISBN:** 978-989-20-2161-4

**DEPÓSITO LEGAL:** 317262/10

**© MANUEL MACHADO DA COSTA**

**PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C — 1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)

*À Benedita, à Rita, ao João e, a todos os meus amigos.*



*“Conta-me um conto – digo-te  
Como é que queres que ele seja?  
Conta-me um conto que nunca contaste a ninguém!”*

Rolf Carlé – Prefácio dos “Contos de Eva Luna” de Isabel Allende



## ÍNDICE

I. Amsterdam . . . . .	11
II. Duas Irmãs . . . . .	17
III. Sempre! . . . . .	41
IV. Vitória e Morte – Parte 1. Joaquim . . . . .	55
V. Vitória e Morte – Parte 2. Carlos . . . . .	99
VI. O Regresso . . . . .	183
VII. A Acompanhante . . . . .	243
VIII. Após Amsterdam . . . . .	279

MANUEL MACHADO DA COSTA

## I. AMSTERDAM

Que eu conheça, não existe porta de nenhum frigorífico que, com o seu ranger característico, não denuncie os nossos propósitos quando, algures entre as três e as quatro da manhã a entreabrimos para, titubeantemente, pescarmos mais uma cerveja de lata. À sexta surtida neste domínio, nem sempre este empreendimento se revela de fácil sucesso e, foi assim natural que, no esforço para rasgar o cartão do pack de dez que, em boa hora, adquirira no regresso a casa, na loja de conveniência, desastradamente fiz tombar o pacote de leite magro que, ao lado, pacificamente ressonava. Com um inevitável – foda-se! – renunciei, de imediato, a qualquer tentativa de limpeza, indo acalmar os neurónios para a sala, junto do meu irmão Jacques que reiniciava os primeiros versos de “*Ne me quitte pas*”.

Revelava-se-me nesta altura já óbvio que, esta noite, não passaria de mais uma fotocópia de não sei quantas anteriores: no regresso ao apartamento ao fim da tarde depois de mais

um frustrante dia de trabalho, no prego em prato no snack da esquina, no ritual do percurso pelos cafés em busca de gente conhecida que, ou não estava, ou de quem, inexplicavelmente, sempre acabava por me esquivar (vergonha?), no voyeurismo temerosamente excitante das rondas pela noite em busca de fêmea tresmalhada, numa grotesca caçada voluntariamente nunca consumada, no neurótico regresso solitário a casa, no acto de colocar o CD de Brel no leitor, em “pescadinha” (“*Quand on a que l’amour*”, “*Né me quitte pas*” e, evidentemente, “*Amsterdam*”), no monótono turbilhão de sensações desencontradas que sempre assaltava o meu cérebro, em busca de uma saída que obviamente não existia, no esvaziar desesperado das cervejas em busca de um “clic” que cada vez mais tardava em cada dia que passava, na rendição final no sofá até às primeiras horas da manhã.

– Tu o quiseste! – murmurei entredentes.

– Agora aguenta que é serviço! – acrescentei enraivecido.  
Era a pura verdade. A opção fora minha.

Fora eu que cortara, abruptamente, com “ene” anos de vida conjugal, turbulenta, é certo, mas feliz, sem dúvida, que abdicara da descendência, da casa, do conforto, dos chinelos, do jornal, do leito conjugal, do pequeno-almoço na cama ao sábado, dos jantares em comum, dos passeios em família, do sorriso provocante da minha mulher, do seu nariz arrebitado, das disputas, das conversas, da rotina, da estabilidade, da paz possível.

Por que razão? Com que finalidade?

Nem eu, passados quase dois anos, o sabia concretamente.

Crise da meia-idade? Monotonia? Necessidade de tempo ou de espaço? Querer viver a minha vida?

– O amor que se apagou? – lembrou-me Jacques do canto da sala.

Era, talvez, verdade; porque até isso, se calhar, tinha perdido, o último ideal que me permanecera fiel, à medida que, pouco a pouco, nos becos da vida, todos os outros, no meu interior, foram desabando. A última luz. A causa final por que valeria ainda a pena lutar.

– Será que ainda vale? – perguntei provocatoriamente ao meu irmão, enquanto observava em contra-luz o borbulhar da cerveja no copo.

Manhosamente este, sentado ao piano, atacou as primeiras notas de “*Quand on a que l’amour*”.

Teria razão. Mas já seria, enfim, muito tarde. Provavelmente nem isso me restava. Pelo menos, de momento, o meu túnel estava escuro.

Estupidamente perdera o amor de minha mulher, cansada das minhas hesitações, da minha indiferença, dos meus silêncios. Eu, no entanto, amara-a desde a adolescência com uma veneração quase sagrada, quase sem condições, excepto no privilégio de permanecer a seu lado.

Por isso mesmo a perdera. O equilíbrio obtém-se devagar, passo a passo mas, desde o início. Não é ao fim de tantos anos de vida em comum que, abruptamente, brutalmente, se pretende equilibrar os pratos da balança.

Só havia, portanto, um culpado: eu.

De modo semelhante me atolara noutro grande amor que, tempos depois, me toldara o espírito.

É certo que o tempo se tinha encarregado de ir filtrando essa loucura. Hoje já conseguia concordar quanto ele tinha sido tão pessoal, tão indefeso, tão adolescente, tão sem futuro, tão... impossível!

Hoje sim, percebia e, até já me sorria, quando ele me ocupava o pensamento; na altura não, não havia hipótese.

Pois. Mandava, assim, a razão, o orgulho e, sobretudo, a sua determinação que, nunca mais a procurasse, nunca mais a convidasse, no fundo, nunca mais a amasse.

Pois.

– Amar nunca teve lógica! Ama-se apenas, porque se ama e, pronto! É estúpido racionalizarem-se as emoções! – explodi, despejando, de um trago, toda a cerveja do copo.

Tinha sido isso, exactamente isso, que lhe dissera em desespero de causa, no dia em que, por sua decisão, nos deixámos de encontrar.

– Ela é minha irmã! – lembrou-me, enraivecida, penetrando-me com aqueles seus enormes e irados olhos verdes, inundados de mar.

Percebi que era o fim. Como um náufrago, ainda supliquei, loucamente:

– Telefona-me!

– Telefona-me tu! – respondeu-me, desafiadoramente.

Abanei, negativamente a cabeça. Não podia, respeitando

a sua decisão e, conhecendo-a como a conhecia, sabia que ela nunca o faria.

– Vamo-nos vendo por aí! – dissera ainda ela, no beijo frio da despedida.

É.

Na rua, no meio da amálgama da cidade, na saudação fugaz no vermelho de um semáforo, no choque frontal à porta de uma loja, no intervalo interminável de um outro cinema, na sala de uma casa qualquer, de um qualquer, amigo comum.

Deixar que o acaso proporcionasse, um dia, o reencontro. Quem sabe?

“– Olá como vai?”

“– Eu vou indo, e você, tudo bem?”

Já alguém cantou, em angústia evidente.

E, depois, o silêncio embaraçoso. Tanto e tão pouco para dizer ao mesmo tempo.

Enfim! Cenários de ficção. Meros guiões de melodramas baratos.

No entanto, desconfiava de mim próprio, das minhas próprias fraquezas. Provavelmente voltaria a tropeçar do mesmo modo se, amanhã, outro ensejo voltasse a despontar no horizonte.

Só que agora, sem medos, sem escrúpulos. Esses, já os tinha perdido, há muito, no percurso.

O vazio, a escassez de emoções, o bocejo, um enorme tédio.

Eram, cada vez mais, as únicas sensações que, ultima-

mente, experimentava.

Tacteei novamente o frigorífico à procura de nova dose.  
Estava no fim mas ainda havia.

Bêbado, sentia, finalmente, o “clic” a chegar.

Sarcástico, como sempre, Brel, atacava “*Amsterdam*”.

## II. DUAS IRMÃS

Eram mais que irmãs: eram amigas.

Entendamo-nos:

Os amigos escolhem-se, os parentes não.

Os laços de sangue não pressupõem necessariamente amizade, já que a maneira de ser de cada um é, muitas vezes, completamente díspar.

As pessoas, pura e simplesmente, “podem não se dar”. E é, às vezes, preferível manter um certo distanciamento que forçar, artificialmente, entendimentos.

É, assim, particularmente saboroso quando, às ligações familiares, é possível adicionar sentimentos mais fortes de intimidade e de partilha.

Tal era o caso de Antónia e de Francisca.

Viviam numa enorme e decrépita moradia apalaçada na parte velha da Foz, no Porto, mais precisamente no alto da rua da Beneditina.

Com uma vista inicialmente fabulosa, sobre o rio, o mar e o Cabedelo, esta foi irremediavelmente violada, durante os anos sessenta, por um mamarracho de luxo, projectado e plantado à sua frente, por um qualquer arquitecto da moda de então.

Originalmente pertença de comerciantes ingleses que nela habitaram, durante toda a segunda metade do século XIX, a sua traça puxava para o brasileiro do início do século seguinte, depois da grande remodelação que o avô delas mandara executar assim que a adquiriu nos anos vinte.

Eu gostava sobretudo do seu mirante exterior em ferro forjado e vidro, com mais de 10 metros de altura que, arrogantemente, dominava as suas quinze divisões interiores, do tamanho de campos de futebol, a maior parte das quais tornadas progressivamente inabitáveis, pela corrosão do tempo.

Tratava-se, talvez, do bem mais palpável que a mãe herdara da fortuna que o seu pai fizera em dez anos de Brasil, em negócios que ninguém, nem mesmo a sua mulher, sabia muito bem quais. O próprio, quando lho indagavam, respondia sempre com um evasivo “*import/export* por toda a América do Sul” e, quando alguém mais atrevido lhe perguntava “de quê?”, respondia com um peremptório “de tudo!” dando, assim, a conversa por terminada.

A conselho de amigos bem posicionados na banca, grande parte destes proventos foram cirurgicamente investidos em acções diversas na bolsa de Londres, sendo assim, fatal como o destino que, de um dia para o outro, toda esta riqueza se tivesse